

DO CRIADOR DO CANAL SMALLADVANTAGES

GAVIN ROY

NUNCA DIGA
ABRAÇOS
PARA UM
GRINGO



Ciranda Cultural

©2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto em inglês e desenhos

Gavin Roy

Edição

Kurt Woock

Tradução

Juliano Timbó Martins

Produção

Ciranda Cultural

Revisão

Ciranda Cultural

Magali Morales

Nariman Shunnaq

Paloma Blanca Alves Barbieri

Diagramação

Silvia Marchetti

Produção do ePub

Lucas Camargo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

R888n Roy, Gavin

Nunca diga abraços para um gringo / Gavin Roy ; traduzido por Juliano Timbó Martins ; ilustrado por Gavin Roy. - Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2020.
168 p. : il. ; ePUB ; 10 MB.

Inclui índice.

ISBN: 978-65-5500-188-4 (Ebook)

1. Inglês. 2. Idioma. 2. Linguagem. I. Martins, Juliano Timbó. II. Roy, Gavin.
III. Título.

CDD 420

2020-56

CDU 811.111

SUMÁRIO

CONTENTS

- 01 [UM POST DO FACEBOOK PARA OS MEUS AMIGOS E FAMILIARES EM 7 DE NOVEMBRO DE 2016](#)
- 02 [COMO NÃO RESPONDER A WHAT'S UP!](#)
- 03 [COMO ESCAPAR DE UMA RUT](#)
- 04 [3 CONVERSAS QUE EU NUNCA TIVE](#)
- 05 [MEU PRIMEIRO ALMOÇO NO BRASIL](#)
- 06 [COMO TRANSFORMAR UMA IDEIA EM UM EMPREGO](#)
- 07 [A CAMINHADA QUE MUDOU A MINHA VIDA](#)
- 08 [O MOTIVO PELO QUAL VOCÊ FALA INGLÊS COM SOTAQUE](#)
- 09 [NUNCA DIGA ABRAÇOS PARA UM AMERICAN](#)
- 10 [CÊ PÊ ÉFE](#)
- 11 [AS 10 MELHORES MANEIRAS DE DIZER YOU'RE WELCOME!](#)
- 12 [O BRASIL É UM CACHORRO PERNETA](#)
- 13 [10 THINGS I LOVE ABOUT BRAZILIAN PORTUGUESE](#)
- 14 [ESTES 5 SEGREDOS INCRÍVEIS PARA O SUCESSO NO YOUTUBE MUDARÃO A SUA VIDA](#)
- 15 [FUZZINESS, FLUENCY, AND FAKING IT](#)
- 16 [TOLERANDO OS VERBOS FRASAIS](#)
- 17 [INGLÊS É MAIS BONITO QUE PORTUGUÊS?](#)
- 18 [AS 10 MELHORES FORMAS DE DIZER GOODBYE!](#)

- 01** A FACEBOOK POST TO MY FRIENDS AND FAMILY ON NOVEMBER 7, 2016
- 02** HOW NOT TO REPLY TO WHAT'S UP!
- 03** HOW TO GROW OUT OF YOUR LANGUAGE RUT
- 04** 3 CONVERSATIONS I NEVER HAD
- 05** MY FIRST LUNCH IN BRAZIL
- 06** HOW TO TRANSFORM AN IDEA INTO A JOB
- 07** THE WALK THAT CHANGED MY LIFE
- 08** THE REASON YOU SPEAK ENGLISH WITH AN ACCENT
- 09** NEVER SAY HUGS TO AN AMERICAN
- 10** CÊ PÊ ÉFE
- 11** BETTER WAYS TO SAY YOU'RE WELCOME!
- 12** BRAZIL IS A THREE-LEGGED DOG
- 13** 10 THINGS I LOVE ABOUT BRAZILIAN PORTUGUESE
- 14** THESE 5 INCREDIBLE SECRETS TO YOUTUBE SUCCESS WILL CHANGE YOUR LIFE
- 15** FUZZINESS, FLUENCY, AND FAKING IT
- 16** PUTTING UP WITH PHRASAL VERBS
- 17** IS ENGLISH MORE BEAUTIFUL THAN PORTUGUESE?
- 18** 10 BETTER WAYS TO SAY GOODBYE!
- 19** SEIZE THE GOLDEN DAY

01

Um post do Facebook para os meus amigos e familiares em 7 de novembro de 2016

Gavin Roy

Copyright image

7 de novembro de 2016 09:10

Sexta-feira passada, foi o meu último dia como estudante de doutorado e assistente de pesquisa, o que faz de hoje o meu primeiro dia como youtuber em tempo integral. A vida é uma loucura! Eu sempre pensei que a trajetória da carreira de alguém tivesse que seguir uma linha reta: do colégio para a faculdade, da faculdade para o doutorado, depois um pós-doutorado e, finalmente, uma carreira como pesquisador. Os passos sempre me pareceram muito claros, e nunca tive que pensar no que vinha depois.

Mas acontecem coisas misteriosas que mudam essa trajetória, quer seja um trauma pessoal, uma diminuição de ritmo ou simplesmente falta de interesse. Para mim, acabou sendo esta última, e eu me voltava aos meus hobbies favoritos no meu tempo livre para preencher este vazio vocacional: ler, correr, viajar e aprender português brasileiro.

O canal do YouTube que criei há dois anos, SmallAdvantages (Vantagenzinhas, em português), começou como mais um hobby. Eu postei os meus primeiros vídeos porque senti vontade, não porque tinha grandes planos para o futuro. Era um modo de guardar registros das minhas tentativas de falar português. Os vídeos passaram meses com menos de cem visualizações, e eu ficava surpreso quando recebia um e-mail dizendo que um vídeo que eu tinha postado tinha recebido um comentário. Então, certo dia, um brasileiro escreveu um simples comentário que mudou a minha vida: "Cara, você deveria fazer vídeos em português ensinando inglês!".

O primeiro vídeo com dicas de inglês que postei, em junho de 2015, agora é um dos meus vídeos mais populares, com mais de 400 mil visualizações. Desde então, eu fiz provavelmente 75

vídeos com dicas de inglês, quase todos baseados na sugestão de algum inscrito, e sendo todos em português. Como se pronuncia *th*? Qual é a diferença entre *to* e *for*? Quais são os *phrasal verbs* mais comuns?

As minhas habilidades de edição de vídeo e o meu português melhoraram drasticamente – quer melhorar a sua fluência em uma língua estrangeira? Filme você mesmo falando e depois assista.

Foi no final de 2015 que comecei a perceber que, inadvertidamente, havia criado um monstro. Eu tinha em torno de 15 mil inscritos naquele momento, uns trinta e poucos vídeos e planos de visitar o Brasil em fevereiro de 2016 por dois meses. O meu português melhorou radicalmente durante aqueles dois meses, e eu fui reconhecido nas ruas de São Paulo e do Rio de Janeiro pelo menos dez vezes. Comecei a fazer vídeos paralelos, relacionados à experiência de um gringo no Brasil, e, em junho de 2016, eu alcancei 100 mil inscritos. Acabei de receber, na sexta-feira passada, uma carta e placa do YouTube, comemorando esse marco.

Enquanto isso, eu estava tentando terminar o meu doutorado, gerenciar as redes sociais do SmallAdvantages, responder a pelo menos 1% dos comentários e dobrar a minha criação de conteúdo: para cada vídeo que eu fazia, surgiam outras cinco ideias para futuros vídeos.

E, então, o momento decisivo: na segunda-feira, 11 de julho, o Catraca Livre (uma espécie de BuzzFeed do Brasil) compartilhou inesperadamente o meu canal na página do Facebook deles, que tinha a força de 8 milhões de seguidores, e o SmallAdvantages viralizou. Ganhou 20 mil inscritos da noite para o dia, foi compartilhado pela Embaixada dos EUA no Brasil e pelo ator brasileiro Gregório Duvivier, e escreveram sobre o canal na *Folha de S.Paulo* uma espécie de *New York Times* do Brasil. Agora, o canal tem mais de cem vídeos, 300 mil inscritos, 8 milhões de visualizações e 85 anos de tempo total de visualização.

Às vezes, eu penso nesses números e, literalmente, não consigo acreditar. Eu sou apenas um cara normal com uma câmera. Mas aprendi que, no mundo fútil e exagerado de hoje, de mídia em massa e entretenimento, as pessoas valorizam a honestidade e a simplicidade, talvez mais do que nunca.

Foi uma correria para terminar o meu doutorado: eu tinha tomado a decisão de focar no SmallAdvantages em tempo integral depois da defesa da minha tese, quando já estaria ganhando dinheiro suficiente com os anúncios no YouTube e patrocínios dos vídeos, o que tornou essa decisão um pouco mais fácil. Ao escrever a minha tese, eu me sentia como se fosse um carro que tinha ficado sem combustível e estava tentando chegar com dificuldade ao posto de gasolina. Ainda não sei como consegui chegar até a bomba de gasolina, mas defendi com sucesso a minha tese em 8 de setembro de 2016. E agora, hoje: o primeiro dia oficial da minha nova carreira.

Tenho dificuldade em explicar essa transição para as pessoas. Os meus pais me apoiaram, a

minha esposa Lauren tem sido incrivelmente encorajadora, mas a maioria das pessoas pergunta por que eu jogaria fora uma carreira para a qual eu tinha gastado dez anos me preparando. Mas eu não sinto que esses dez anos de educação superior foram desperdiçados. Eu aproveitei a minha vida durante todo esse tempo; aprendi muito, pude viajar, conheci pessoas incríveis, eu me casei e tive tempo livre para desenvolver hobbies, como aprender português brasileiro e edição de vídeos. E se as coisas derem errado, ter um doutorado em ciências atmosféricas será uma tremenda carta na manga.

Porém, a vida é curta demais para fazer, por tempo integral, algo pelo que você não tem nenhuma paixão. Isso machuca você, mas também machuca o seu trabalho, os seus colegas, os seus clientes e a sua empresa.

Dizem que a felicidade é feita de uma interseção tripla daquilo em que você é bom, do que você gosta de fazer e do que o mundo precisa. Pela primeira vez em um bom tempo, posso dizer que estou vocacionalmente feliz. Que vantagenzinha boa, essa!

Copyrighted Image

Saiba mais:

https://www.youtube.com/watch?v=n_P8hNk49FQ

Copyrighted Image

COMO NÃO RESPONDER A **WHAT'S UP!**

“What’s up!”. É assim que eu começo a maioria das conversas informais, tanto faladas quanto escritas, e, embora tecnicamente seja uma pergunta, é uma saudação americana tão animada que normalmente é pontuada com um ponto de exclamação.

Eu ouvi muitos brasileiros responderem a essa saudação como se estivessem respondendo à pergunta “como vai?”. Por exemplo: “vou bem, obrigado” e, depois, “como vai?”. Isso soa extremamente esquisito!

What’s up! literalmente significa “o que está em cima?”, mas na verdade significa “o que está acontecendo com você?”. Contudo, raramente uma pessoa exclamando “What’s up!” quer saber os detalhes do seu dia. Nós, americanos, usamos “what’s up!” da mesma maneira que os brasileiros usam “Tudo bem?” ou “E aí!”, como uma simples saudação, um “Hey”, um “Oi”, um reconhecimento de que estou vendo você e que gostaria de conversar. Apenas imagine alguém respondendo a “E aí!” com “Tô bem, e você?” – isso seria superestranho!

Lembre-se de que a resposta para “what’s up!” é quase sempre uma das duas opções: “not much” ou outro “what’s up!”.

Ao dizer “not much”, você está dizendo “não muito”, implicando que as coisas estão mais ou menos na mesma, desde que vocês se falaram pela última vez. É só quando as circunstâncias mudaram completamente que você pode responder com algo como “Acabo de ganhar na loteria!” ou “Acabo de vomitar, na verdade”. Você nunca responderia a “What’s up!” com uma declaração corriqueira como: “Bem, fui à escola hoje. Estou com um pouco de fome agora, mas, em geral, as coisas vão bem.”.

Se quiser ser realmente simpático, você poderia responder a “What’s up!” com “Not much, what’s up with you?” (Nada de mais, e contigo?), ouvir outra resposta é tão raro como ouvir uma resposta para “Tudo bem?” que não seja “Tudo bem”.

Porém, se você quiser ser brincalhão, pode surpreender um falante nativo soltando um dos gracejos que crianças americanas precoces costumam usar, imaginando que a

pergunta “What’s up!” literalmente seja o que está sobre ou acima de você:

“The sky!” (O céu!)

“The ceiling!” (O teto!)

“My blood pressure!” (Minha pressão!)

“Your blood pressure!” (Sua pressão!)

Fazer alguém rir é um passo importante na sua jornada de aprendizado de idiomas, e uma resposta assim para “What’s up!” seria tão inesperada vindo de um estrangeiro adulto, e ao mesmo tempo tão perfeita, que seria difícil imaginar que a pessoa não abriria um sorriso!



Copyrighted image

Saiba mais:

<https://www.youtube.com/watch?v=msJBDS9sxWQ>

COMO ESCAPAR DE UMA **RUT**

Eu comprei o meu primeiro livro didático de português em 2011. Um novo mundo mágico se revelou diante dos meus olhos, quando eu abri o livro pela primeira vez e encarei as páginas cheias de palavras estranhas e aparentemente românticas (como *maçã*), regras gramaticais a serem estudadas (como o futuro do subjuntivo) e tabelas de conjugação para serem decoradas (como o verbo *fazer*... Aff, nem me fale).

Dois anos depois, em uma terça-feira à noite, em agosto, com as mãos na cabeça, encarando o mesmo livro didático diante de mim, pra lá de entediado, de repente me dei conta de uma coisa: não aguento mais português. Não estou progredindo. Definitivamente, não estou me divertindo.

Em inglês, chamamos isso de *rut* – um cenário repetitivo no qual você se sente desencorajado e preso, como um caminhão atolado na lama. Eu tinha estudado esse mesmo livro várias vezes por dois anos e, quando parei de sentir que estava progredindo, acabei me culpando por não ter dedicado tempo suficiente à minha rotina de estudos. Eu tinha caído em uma *rut*, uma rotina linguística entediante. Eu parei todo o meu estudo de português, frustrado com o meu aparente fracasso. E a vida seguiu em frente.

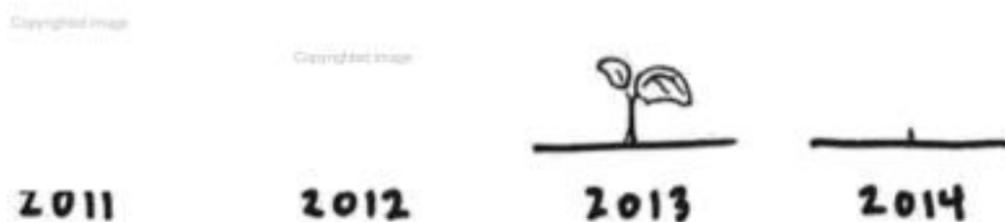
Lauren e eu celebramos o nosso primeiro aniversário de casamento algumas semanas depois. Ela me deu dois livros de receitas brasileiras, e por vários meses o meu contato com o português foram tentativas de recriar receitas brasileiras na pequena cozinha do nosso apartamento. Eu aprendi como dizer *colher de sopa* e *colher de chá*. Eu fiz caipirinhas e brigadeiros, baião de dois e arroz carreteiro, moqueca capixaba e virada à paulista. Tive que jogar fora toda a refeição mais de uma vez. Ops... Foi mal!

No fim das contas, o que ganhei com essa aventura culinária, além de algumas habilidades na cozinha e um melhor entendimento da cultura gastronômica regional do Brasil, foi o desejo de voltar às minhas tabelas de conjugação (*fazer, fiz, fazia, fizesse, faça, fá-lo-ei*) e um interesse renovado na língua nativa da comida que eu estava

cozinhando. Em novembro, três meses depois de abrir pela última vez aquele livro de gramática, retomei o meu estudo da língua portuguesa com o mesmo fervor e dedicação que eu tinha sentido quando o abri pela primeira vez.

O que tinha acontecido?

Imagine que você está encarregado de cuidar de uma nova horta. Durante o primeiro ano, a horta cresce. As plantas retiram facilmente os nutrientes do solo virgem e todos comentam sobre as plantas crescidas. No ano seguinte, o solo contém menos nutrientes, mas ainda o suficiente para sustentar uma plantação saudável de pimentas e tomates. Contudo, com cada vez menos nutrientes a cada ano que passa, o solo fica empobrecido demais para sustentar até a abobrinha mais resistente.



Quando você embarca em uma jornada para aprender uma língua estrangeira, tudo é novo e empolgante. A motivação para continuar estudando vem facilmente. Mas depois de anos de dedicação, ela pode se tornar um recurso escasso. Da mesma maneira que deveríamos adicionar fertilizante e adubo ao solo para manter uma horta produtiva, deveríamos adicionar atividades diferentes e experiências novas para nos mantermos motivados para aprender uma nova língua, ou praticar piano, ou melhorar na carpintaria, ou estudar para ser um advogado. Parece tão óbvio agora, mas, naquela época, pareceu revolucionário que esse desvio renovado fosse o caminho para sair da *rut*, da rotina entediante.

Quando os inscritos do meu canal do YouTube me perguntam como escapar das suas *ruts*, isso é o que eu sempre lhes digo: pare tudo. Mude tudo. Um desvio radical na sua rotina de aprendizado é a faísca que vai reacender a sua motivação – a motivação que vai alimentar a sua contínua dedicação para os aspectos gramaticais e sintáticos mais mundanos, porém importantes, do aprendizado de uma língua estrangeira.



Copyrighted image



Copyrighted image

Além disso, esse processo de desviar para recuperar a motivação tem um agradável efeito colateral quando se está estudando uma língua estrangeira: você acaba aprendendo um monte de coisas sobre a cultura daquela língua, independentemente de ser comida, arte, história, música, teatro, cinema, cultura pop, etc.

Quando cheguei ao Brasil pela primeira vez, em 2014, os moradores locais que conheci em Salvador ficaram surpresos ao descobrirem que um gringo sabia o que era um acarajé, e pedir essa comida de rua tipicamente baiana em português. Foi fácil fazer amizades instantâneas com brasileiros, não apenas porque eu estava falando a língua nativa deles, mas também porque eu conseguia entender as referências culturais brasileiras e podia conversar sobre coisas que não fossem o menu, o preço ou o caminho para o banheiro.

Com frequência, compartilhei as minhas descobertas culturais sobre o Brasil no Instagram e no YouTube, ansioso para os meus seguidores compartilharem o entusiasmo revigorado e talvez virem uma parte da sua própria cultura sob uma ótica renovada. Muitos dos brasileiros que comentam nesses *posts* de mídia social não acreditam quando um gringo valoriza ou se interessa por vatapá, Clarice Lispector, Secos e Molhados, Tiradentes, *Orfeu Negro*. Mas, do modo como eu vejo, seria muito estranho não valorizar a cultura da língua que você está estudando. Todo estudante deveria inerentemente sair da sua experiência de aprendizado linguístico com uma montanha virtual dessa riqueza cultural para apreciá-la e compartilhá-la com falantes nativos.

Aprender uma língua significa aprender uma cultura. As duas coisas são quase impossíveis de separar e, de fato, nem deveriam ser separadas.

Nos próximos seis meses, eu desafio você a parar, mudar tudo e encontrar o seu próprio fertilizante. Se você estiver aprendendo inglês americano, decore e recite um poema de Robert Frost. Faça queijo grelhado e sopa de tomate para o almoço. Aprenda uma música da banda Cake no violão. Leia sobre a Rota de Oregon na Wikipédia, em

inglês. Assista ao filme *Cidadão Kane* sem legendas. Desafie-se a confiar no seu inglês para cumprir uma tarefa. Desafie-se a fazer algo que nunca fez.

Acima de tudo, desafie-se a sair da sua *rut* e divertir-se outra vez, porque aprender uma língua nunca, jamais, deveria ser um fardo.

Copyrighted image

Saiba mais:

<https://www.youtube.com/watch?v=YDSgGIT22HA>

3 CONVERSAS QUE EU **NUNCA** TIVE

Uma oportunidade inesperada para eu falar português surgiu em torno de um ano depois que resolvi aprender a língua: uma chance de trocar palavras com um brasileiro de carne e osso, na vida real, nos Estados Unidos. Sozinho em um mercadinho no Colorado, contemplando cheddars, de repente ouvi o timbre inconfundível de uma língua românica saindo da boca de duas jovens a menos de nove metros à minha direita. Eu tinha escutado a rádio CBN o suficiente para reconhecer a cadência melódica do português brasileiro e, ao ouvir a palavra *queijo*, eu sabia com certeza que era a minha hora – a minha primeira conversa na natureza selvagem! Como eu iria abordá-las? Que tópico casual de conversa eu poderia introduzir que sairia de modo amigável em vez de assustador? Vasculhei minha mente em busca de vocabulário relativo a laticínios em português e me convenci que podia me lembrar de como conjugar o verbo *ser* no calor do momento.

E o momento... nunca aconteceu. Enquanto eu me preparava, estava uma pilha de nervos diante dos queijos, e as minhas mãos suadas borravam a tinta azul da minha lista de compras. As moças, que estavam encantadoramente desatentas, avançaram para um corredor próximo. Permaneci congelado sob a luz fluorescente, tímido demais para falar. Normalmente, não sou uma pessoa tímida, e fiquei desapontado comigo mesmo pela minha falta de coragem.

Seis meses depois, a oportunidade para a minha primeira conversa surgiu novamente. Dessa vez, perto do campus da Universidade Estadual do Colorado. O ônibus que eu tinha pegado estava quase vazio e, enquanto eu olhava distraído pela janela, sonhando acordado, de repente reconheci o português brasileiro do casal que conversava à minha frente.

Então, caí no mesmo turbilhão mental. Como vou abordá-los? Qual é a minha frase de abertura? Será que sou um cara esquisito? Congelei, e não disse uma palavra para eles.

Assim como essa segunda chance de uma conversa foi por água abaixo, a minha terceira também foi, dois meses depois, durante uma escala no aeroporto de Denver, indo para a cidade de Nova Iorque. Eu simplesmente não consegui ser extrovertido o suficiente para falar com uma garota sentada perto do totem carregador à minha frente no saguão de partidas, enquanto ela enviava mensagens de voz no WhatsApp. Com esse terceiro encontro fracassado na minha conta, senti a mesma vergonha de quando era adolescente e não conseguia criar coragem para segurar na mão da minha primeira namorada na sessão do filme *Premonição 2*.

Lauren e eu embarcamos no avião em Denver, prontos para comemorar a virada do ano em Nova Iorque. Seria a minha primeira vez na Grande Maçã, uma cidade com mil culturas amontoadas em cem bairros. Ainda cheio de remorso pela conversa do aeroporto que nunca aconteceu, propus uma solução para a Lauren: uma churrascaria brasileira para o jantar, porque, pelo amor de Deus, pelo menos eu teria várias horas para imaginar como eu abriria a minha frágil alma a um garçom brasileiro. Eu já estava nervoso outra vez. Apertei o meu cinto de segurança.

Cinco horas depois, entramos no Fogo de Chão em Midtown Manhattan e nos sentamos ao redor de uma grande mesa circular com cinco amigos. Um garçom grisalho pegou os nossos pedidos de bebidas um por um. Eu queria vinho tinto, e estava quase na minha vez de dizer isso. Com as mãos suadas, torci o guardanapo de pano que estava no meu colo. A caneta fez barulho em um bloquinho de papel, e depois o garçom se virou para mim para ouvir o meu pedido. Eu abri a minha boca, e então saiu a primeiríssima frase dita a um brasileiro: “Eu estou *aprendiendo* português, *entao* eu gostaria de pedir *em* português”.

O garçom fez uma pausa, que pareceu durar dez segundos. De olhos esbugalhados e um sorriso de orelha a orelha, olhando para mim, ele disse: “Muito bem!”.

No resto do jantar, continuei arranhando no português. Eu estava um pouco menos nervoso, e me lembrei de pedir *vinho tinto* em vez de *vinho vermelho*. Eu sabia até responder aos churrasqueiros quando perguntavam: “Só isso?”

“Só”. Nada mal para um estudante de português de segundo ano! Eu cometi erros, e tenho certeza de que o meu sotaque era bem carregado, mas depois finalmente consegui dizer que tinha tido a minha primeira conversa.

Todo aprendiz de idiomas deve passar por esse momento angustiante, essa primeira conversa na natureza selvagem. Isso não é opcional; é um pedágio a ser pago na estrada para a fluência em uma língua estrangeira.

Precisei de quatro tentativas para pagar o primeiro pedágio e continuar a minha jornada. Ao longo do caminho, encontrei muitos outros pedágios, muitas outras

conversas nervosas cheias de erros, mas, por fim, alcancei a fluência e a confiança no português brasileiro (lembrando que fluência não significa perfeição).

Exemplos

Refletindo sobre a minha estrada para a fluência, reconheço que a minha hesitação inicial em falar se originava de um certo orgulho, uma relutância em cometer erros e, possivelmente, de parecer estúpido. Agora, vejo esse mesmo traço nos brasileiros que aprendem inglês: essa relutância orgulhosa em correr o risco, pagar o primeiro pedágio, ter a primeira conversa. É o motivo pelo qual tantos alunos de inglês brasileiros, embora sejam capazes de ler artigos do *The New York Times* e entender programas da TV americana, congelam quando chega a hora de abrir as suas bocas e simplesmente falar.

Esse orgulho prejudicial aparece primeiro na adolescência, quando ficamos conscientes da maleabilidade das opiniões dos outros sobre nós. Então, surge o desejo de expor apenas os nossos melhores traços aos outros, e fazemos o máximo para esconder os nossos pontos fracos e imperfeições. Claro que isso é benéfico tanto em situações profissionais quanto em primeiros encontros. Porém, esse orgulho também atrapalha o aprendizado de idiomas, em que é preciso cometer milhares de erros públicos para registrar milhares de pequenos sucessos. A falta de orgulho adolescente é o principal motivo pelo qual crianças pequenas aprendem um segundo e terceiro idioma com facilidade, diferente dos adultos que se esforçam e muitas vezes desistem, parados na sua jornada linguística na primeira cabine de pedágio, nas primeiras conversas não realizadas.

Os erros em inglês, que você vai inevitavelmente cometer, não são apenas algo para ser aceito a contragosto como um subproduto infeliz de se aprender uma língua estrangeira – esses erros são algo para abraçarmos como passos tangíveis em direção à fluência no idioma, minúsculos marcadores do progresso verdadeiro. Contudo, se você

for um perfeccionista como eu, a ideia de cometer erros diante de estranhos ainda faz as suas mãos suarem e molharem a lista de compras. O orgulho é difícil de desaprender, e, sabendo que você está prestes a experimentar uma longa série de falhas, é incrivelmente difícil preparar-se para isso.

Não tem como evitar: você ficará nervoso durante a sua primeira conversa. Você provavelmente ficará nervoso durante a segunda, a décima terceira e a quadragésima conversa também. Porém, como uma poça no deserto, o seu nervosismo, com o tempo, será dissipado e desaparecerá. Certamente, o pedágio mais difícil de pagar será o primeiro, e a conversa mais desgastante será a primeira.

Então, abrace a experiência! Fique nervoso. Pague o pedágio. Desaprenda o seu orgulho e aproveite a oportunidade de ter uma conversa, quer esteja tirando férias em Orlando, em Jericoacoara com um turista britânico, ou on-line com um novo parceiro de conversa australiano.

Simplesmente fale! Em 99% das vezes, você cometerá erros, mas em 99% das vezes, tanto você quanto o seu interlocutor desavisado ficarão felizes que você tenha tentado.

Very well!

Copyrighted image

Saiba mais:

<https://www.youtube.com/watch?v=RpoF2X0i5fs>

MEU PRIMEIRO ALMOÇO NO BRASIL

Em 10 de junho de 2014, parti para o meu primeiro encontro com o Brasil. Senti a primeira carícia do seu ar tropical quando desci do avião e passei pelo desembarque no Aeroporto Internacional Deputado Luís Eduardo Magalhães, em Salvador. Observei maravilhado as propagandas do chão até o teto no terminal, palavras brancas, brilhantes, salpicadas com os diacríticos exóticos da língua portuguesa: acentos, tis, cedilhas. Era um primeiro encontro para o qual eu tinha ensaiado muitas vezes, mas ainda estava nervoso, ou zozzo, talvez, e, no fundo do meu estômago, senti a tensão acumulada de habitar um espaço estranho.



Um ano antes desse desembarque, tínhamos decidido participar do sorteio de ingressos para a Copa do Mundo no Brasil: minha esposa, cinco dos nossos amigos americanos e eu. Ansiávamos muito por uma aventura, e, três meses depois, recebemos a notícia empolgante de que a nossa inscrição no sorteio foi bem-sucedida. Assistiríamos ao jogo Espanha vs. Holanda na Arena Fonte Nova, em Salvador, em 13 de junho de 2014.

Eu estava estudando português brasileiro com um certo interesse desde 2011, e, às vezes, sonhava acordado em ir para o Brasil. Quando descobri que iríamos para lá com 100% de certeza, foi como se um fogo tivesse se acendido dentro de mim. Eu não conseguia parar de pensar no Brasil e no português, e as horas em que eu não estava

estudando a língua, de repente, começaram a parecer tempo perdido.

Eu sabia que, quando saísse do avião em Salvador, estaria entrando no papel de tradutor pela primeira vez na minha vida. Os meus seis amigos estariam confiando em mim para traduzir para eles, seis americanos cujo conhecimento coletivo do idioma português somava precisamente uma palavra: *obrigado*. Às vezes, eu ficava muito preocupado em fracassar nessa tarefa linguística, e essa era uma motivação fantástica para continuar estudando. No dia em que embarcamos para o Brasil, eu ainda estava longe de ser fluente, mas sentia que o meu vocabulário era suficiente para pedir informações e comida.

No aeroporto de Salvador, meus amigos brincavam dizendo que eu era o pastor e eles eram as ovelhas. Eu lia placas e orientava o nosso grupo de americanos deslocados em direção à coleta de bagagens. Eu peguei as identidades de todos e retirei os ingressos da Copa do Mundo em um estande temporário montado no saguão de chegadas, trocando palavras com duas meninas brasileiras que ficaram aliviadas que, finalmente, um turista estrangeiro falasse um pouco de português (elas não sabiam como dizer *dobrar* em inglês e estavam tentando desesperadamente descobrir como dizer aos falantes de inglês para não dobrarem os ingressos).

A nossa missão seguinte foi encontrar transporte para o hotel. Senti uma onda de importância à medida que nós sete nos aproximávamos de três ou quatro taxistas baianos parados perto de uma fila de táxis; e todos se voltavam para mim para comunicar algumas informações uns para os outros. Eu descobri que esta é a alegria de ser bilíngue: é a honra de ser exclusivo para ambas as conversas, associado com a noção orgulhosa de que, sem mim, essa interação seria muito mais difícil. Esses sentimentos foram uma recompensa bem-vinda depois de anos de estudo diligente. Com o preço negociado, eu me dei um tapinha nas costas mentalmente, enquanto subíamos na van e partíamos para Lauro de Freitas, um município praiano da região metropolitana de Salvador.

Depois de fazer o check-in na pousada, tivemos a nossa primeira refeição verdadeira no Brasil, debaixo de um toldo vermelho e branco de um café de rua, a algumas quadras do mar. Havia três coisas no cardápio de almoço naquele dia: bife, bisteca e um prato que não reconheci: frango frito. O meu amigo se virou para mim e perguntou: “What’s *frango*?”. Eu não sabia a resposta para a pergunta dele, e eu tinha deixado o meu dicionário de bolso na minha mala. Sem querer perder a minha reputação de tradutor onisciente, eu fingi que sabia. “Ééé... é um tipo de carne. Um corte diferente, eu acho”. Eu queria tanto ser fluente, e senti que estava tão perto, que me acostumei mal a fingir que entendia tudo, até quando eu não fazia ideia do que estava acontecendo.

Três dos meus amigos decidiram que queriam frango, aquele corte misterioso de carne, e eu comuniquei confiantemente o pedido à garçonete. Vinte minutos depois, lá veio o arroz, lá veio o feijão e lá veio aquilo que os meus amigos haviam pedido: frango... *chicken*. Três pratos de frango. Ninguém estava mais surpreso do que eu. Frango significa *chicken*? Eu tinha aprendido português sozinho nos últimos três anos, mas nunca tinha cruzado com essa palavra do dia a dia?!

Senti vergonha de ter o meu disfarce de infalibilidade arrancado. Também fiquei profundamente assustado que, apesar da minha preparação dedicada, de alguma maneira, eu tinha negligenciado um substantivo tão comum. Quantas outras palavras não aprendidas se escondiam nos cantos do meu dicionário, esperando para aparecer no momento mais crucial? Donald Rumsfeld, ex-Secretário de Defesa dos EUA, expressou a preocupação sobre o desconhecido assim (em tradução livre):

Há conhecimentos conhecidos; há coisas que sabemos que sabemos.

Também sabemos que há desconhecimentos conhecidos; ou seja, sabemos que há coisas que não sabemos. Mas também há desconhecimentos desconhecidos – aqueles que não sabemos que não sabemos... E é a última categoria que tende a ser a mais difícil.

Cada um de nós, aprendizes de idiomas, tem centenas de palavras como essa, palavras que simplesmente não sabemos que não sabemos. E, pior ainda, não existe atalho para descobrir que palavras são essas. O melhor modo de descobrir esses “desconhecimentos desconhecidos” é nos colocando em contato direto com a língua e os seus falantes nativos. Quando a interação pessoal é impossível, temos que continuar escrevendo, lendo e escutando. Esse processo é frequentemente chamado de estudar, mas eu gosto de pensar nele como um caça-palavras. Quando eu caço palavras em português, estou em uma caverna, tateando o espaço escuro à minha frente, procurando os meus elusivos desconhecimentos. Cada desconhecimento é capturado na minha rede, cada palavra que eu capturo e aprendo é um troféu na minha prateleira, e talvez um momento embaraçoso evitado. Assim, sou motivado a continuar indo adiante, na escuridão à minha frente.

Copyrighted image

Saindo novamente para jantar naquela primeira noite em Lauro de Freitas, pedi frango e experimentei o luxo de saber precisamente o que receberia da cozinha. Logo depois do pôr do sol, de volta à nossa pousada, nós sete, mochileiros exaustos, jogamos duas rodadas de baralho antes de nos retirarmos para os nossos quartos. Através da janela aberta, ouvi as palmeiras sussurrando no crepúsculo e as doces melodias da MPB de um rádio distante. Eu estava são e salvo, e, apesar da incerteza de estar em um lugar estranho tudo estava certo – naquela noite, eu ia dormir no Brasil.

Copyrighted image

Saiba mais:

<https://www.youtube.com/watch?v=qVwUQ8Cc3ZY>

COMO **TRANSFORMAR** UMA IDEIA EM UM EMPREGO

Uma pergunta que recebo frequentemente é por que chamei o meu canal de SmallAdvantages em vez de algo que tivesse a ver com inglês. A verdade é que eu nunca, em nenhum momento, imaginei que, algum dia, meu público seria composto por 95% de brasileiros. O nome veio do título do meu blog, *SmallAdvantages*, onde eu escrevia (em inglês) sobre maneiras de se viver mais plenamente e aprender qualquer habilidade de modo mais eficiente. Por exemplo, o primeiro *post* do meu blog foi sobre como otimizar o padrão de sono de alguém para maximizar a criatividade. Outro *post* foi uma comparação, de 2.321 palavras, entre um relógio esportivo Fitbit e um Garmin. Uma publicação de janeiro de 2015: “6 passos para ler mais livros no ano novo”. Copiado e colado diretamente da página principal do blog *SmallAdvantages* (em tradução livre):

Tudo mudou em 10 de janeiro de 2015. Era uma noite escura e bem fria em Fort

Collins, Colorado. Uma camada espessa de neve se acumulava na janela que dava para o Oeste, enquanto eu lavava a louça do jantar e depois me sentava no sofá, sozinho em um apartamento de 55 m² onde morava com a minha esposa. O turno da Lauren como enfermeira na sala de emergência terminaria às 23h30. Eu tinha quatro horas livres e nenhum livro para ler. Decidi pegar o notebook, que por acaso eu tinha trazido do trabalho naquele dia, e comecei a navegar pelo YouTube.

Copyrighted material

Isso era uma novidade para mim. Em 2015, eu não tinha uma conta no YouTube. Eu não tinha um perfil no Instagram. Eu não tinha nem mesmo um smartphone. Eu me sinto mais confortável com algum livro do que com um aplicativo, e se eu tivesse ali algum livro ainda não lido em casa naquela noite, eu o teria aberto em vez de fazer o que fiz em seguida.

Eu estava me sentindo inspirado. Seis meses antes, eu tinha voltado da Copa do Mundo no Brasil mais apaixonado pelo português do que nunca, e extremamente motivado para alcançar a fluência. Sem nenhum livro, eu me virei para o meu computador e abri o YouTube com a ideia de ingerir uma grande dose de prática de escuta em português, na forma de entrevistas com o Jô Soares. Depois de algumas

delas, um vídeo recomendado na infame barra lateral do YouTube chamou a minha atenção com uma imagem chamativa e um título atraente; era algo como *Americano fala português perfeitamente*. “Uau”, pensei, “uma alma semelhante, um conterrâneo com a mesma paixão que eu”. Dei o clique fatal e comecei a assistir a esse cara, mais ou menos da minha idade, que metodicamente se arrastou em uma descrição sobre viver no Brasil. Eu me diverti com o vídeo e com o sotaque americano dele, parecido com o meu, mas o português extremamente instável dele não me impressionou, e nem merecia a palavra “perfeito”. De fato, eu quase me senti ofendido que ele tivesse mentido no título, e ainda conseguido quase 80 mil visualizações.

“Eu posso fazer melhor do que ele”, disse a mim mesmo, e me levantei do sofá como um senador confiante. Liguei todas as luzes do apartamento e, com determinação, andei até a mesa da cozinha, o meu palco. Eu estava com a palavra. Era a minha vez de falar, a minha vez de provar o meu valor.

Eu nunca tinha tentado gravar um vídeo naquele notebook emprestado. Fiz uma busca no Google para determinar que aplicativo pré-instalado usar. Abri o iMovie pela primeira vez, e, sem preparação, gravei 5 minutos e 19 segundos de português incoerente e imperfeito, nos quais eu professei o meu amor pela língua portuguesa.

Falei sobre usar o meu conhecimento de espanhol como uma base para o português, sobre comer acarajé em Salvador durante a Copa do Mundo, sobre ter descoberto Gilberto Gil e Machado de Assis. Eu cometi muitos e muitos erros e, quando eu assisto ao vídeo quatro anos depois, vejo como o meu sotaque era forte. Eu dei ao vídeo o título mais chamativo possível, sem ser desonesto: *Um americano fala sobre a experiência incrível de aprender português*.

Então, o momento mágico: eu cliquei em “criar um novo canal”, dei ao recém-nascido canal do YouTube um nome, e fiz o upload do meu primeiro vídeo. O canal SmallAdvantages nasceu na calada da noite da madrugada de 11 de janeiro de 2015.

Os empreendedores aspirantes de hoje frequentemente recebem o conselho de jogar ideias na parede até que alguma coisa cole. Quando penso nesse conselho, não consigo deixar de imaginar um amontoado gigante de espaguete que passou do ponto, jogado contra a parede da sala de estar. A maior parte dessa massa emaranhada cai no chão e faz *splash*. Nojento. Porém, algumas tiras molhadas de macarrão grudam na parede. Essas são as histórias de sucesso de invenção e inovação que tornam o mundo um lugar melhor, mudam vidas e criam empresas que valem milhões.



Agora, imagine que é a sua vez de jogar o espaguete na parede para ver quais das suas ideias colam. O que você vai compartilhar com o mundo?

Primeiro, deixe-me dizer que, pra começo de conversa, se você está jogando espaguete, você já está na frente de 99% das pessoas. Todo mundo possui uma ideia que poderia beneficiar a humanidade, mas o problema é que a maioria nunca vai atrás dessa ideia. As pessoas nunca jogam o espaguete delas na parede.

Mas, ei, digamos que você correu o risco e está se dedicando 100% a algo em que acredita. Você é demais! Agora, como você sabe se esse macarrão vai grudar ou se está destinado ao chão da sala de estar? A primeira resposta é que você não sabe. Contudo, refletindo um pouco sobre a minha própria situação, formulei uma receita (de massa?) para o sucesso empreendedor na era da internet:

1. *Seja genuinamente apaixonado*
2. *Reconheça oportunidades*
3. *Esteja disposto a adaptar o percurso*

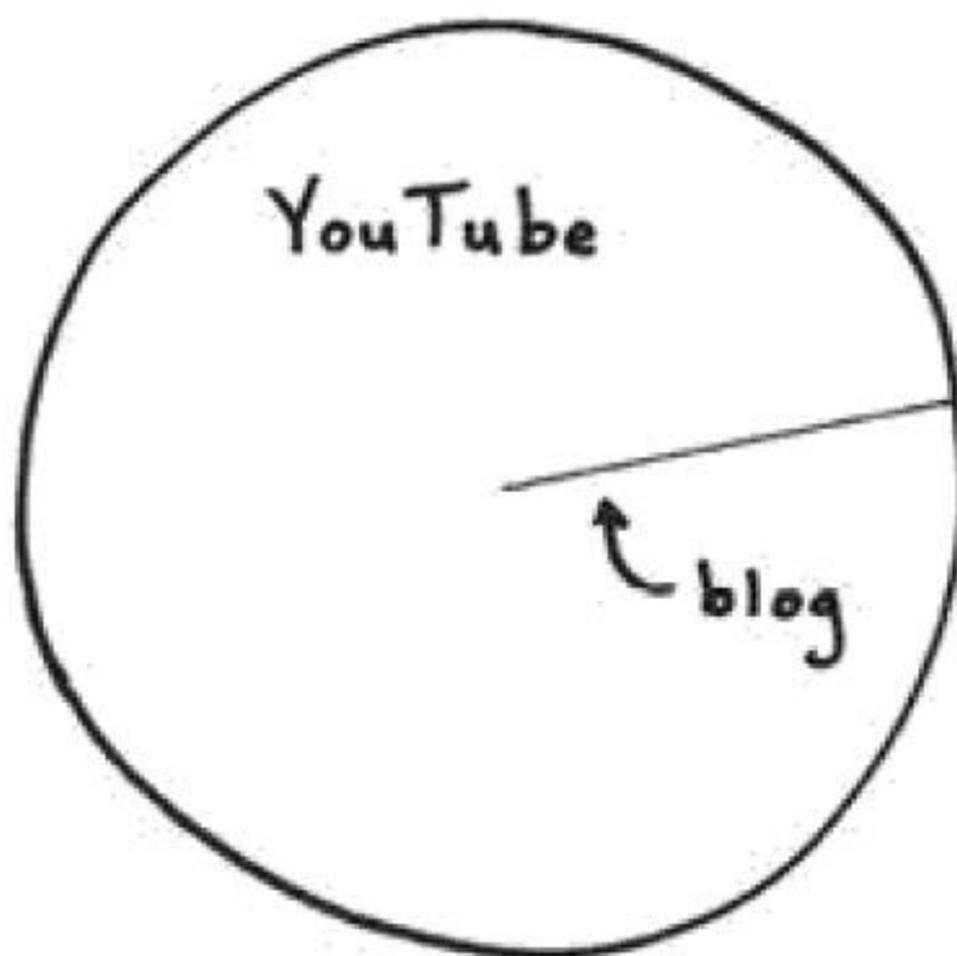
Quando criei o meu canal SmallAdvantages no YouTube naquela noite de neve em janeiro, supus que o meu público falaria inglês e que o meu primeiro vídeo em português provaria a efetividade dos métodos que eu tinha esboçado em um dos posts do meu blog *SmallAdvantages*: “How to learn Portuguese from Spanish”. De fato, os

quatro vídeos seguintes que eu publiquei no YouTube foram todos em inglês. Acontece que os meus espectadores, contudo, não acabaram sendo os meus conterrâneos. Nos seis meses seguintes, eu recebi uma avalanche de feedbacks e apoio de brasileiros, pessoas linguisticamente apaixonadas, como eu, que estavam aprendendo o meu inglês nativo, e que aparentemente gostavam de ver essa jornada acontecendo no sentido inverso. Eu recebi inúmeros comentários sugerindo que eu começasse a fazer vídeos ensinando inglês e explicando tudo em português, que era o contrário do que eu estava fazendo.

Em um universo paralelo, eu sorrio para esses comentários em português, mas não mudo o meu caminho para começar a fazer vídeos para brasileiros, pois isso entra em conflito com a intenção original do meu hobby. Eu sigo postando no meu blog nesse universo paralelo. Ele não alcança uma grande audiência, mas eu adoro escrever, estou satisfeito trabalhando nele durante os meus intervalos de almoço no meu emprego, em tempo integral, em um centro de pesquisa.

De volta ao mundo real, eu considerei essa onda de feedbacks que recebi do Brasil. Reconheci a enorme oportunidade de ajudar pessoas e mudei o percurso. Modifiquei a minha visão original, um blog em inglês, com um foco mais amplo, para atender a uma necessidade mais específica que esses feedbacks revelaram: falantes nativos de inglês ensinando sua língua no YouTube em português, uma língua falada por mais de 200 milhões de pessoas, eram quase inexistentes. Dar essa virada correta foi o catalisador para o sucesso do meu hobby: o canal *SmallAdvantages* no YouTube alcançou 1 milhão de inscritos e 50 milhões de visualizações em menos de três anos. Enquanto isso, o blog *SmallAdvantages* nunca atingiu 5 mil visualizações.

Muitas pessoas presumem que uma ideia deve ser firme como uma rocha antes de se tornar um produto de sucesso, mas algumas das maiores ideias do mundo foram viabilizadas de modo inesperado, porém oportunista: a penicilina, o micro-ondas, até o Twitter. Os criadores dessas invenções revolucionárias estavam dispostos a alterar as suas metas originais para atender a uma necessidade mais específica, que só foi percebida depois que começaram o processo de invenção.



Small Advantages

TOTAL DE
VISUALIZAÇÕES

Tive muita sorte quando tropecei em uma grande lacuna do mercado enquanto escrevia o meu blog. Ele era uma grande massa de espaguete, e o macarrão que ficou grudado era o canal do YouTube para brasileiros. Quem teria imaginado? Eu reconheci a oportunidade (passo 2), estava disposto a me adaptar (passo 3), e aqui estou eu, escrevendo sobre isto hoje. Porém, decisivamente importante, e frequentemente esquecido, é o primeiro passo do processo: ser genuinamente apaixonado. Os seus hobbies e as coisas que você verdadeiramente anseia fazer no seu tempo livre, por definição, suas paixões, são um bom lugar para começar quando você está procurando pela sua própria ideia revolucionária, pelo seu próprio macarrão que poderia ficar grudado na parede e mudar o mundo para melhor.

Eu já vi esse primeiro passo dar errado quando a paixão do empreendedor não é pelo produto, mas, em vez disso, pelo próprio processo de empreendedorismo. Por esse motivo, enfatizo que uma paixão genuína, e não apenas uma paixão, é crucial. Muitos dos meus colegas que reconheceram lacunas do mercado falharam em criar o seu próprio negócio, porque estavam mais apaixonados pela ideia de possuir um negócio de sucesso do que pelo produto real. Eles valorizaram a capacidade de dizer que tinham

criado uma empresa mais do que valorizaram o serviço que a empresa oferecia. Esses valores podem ser benéficos em um *podcast* sobre como começar e gerenciar um negócio, mas não em outro lugar. Nunca se esqueça de que essa paixão genuína pelo seu produto deve vir em primeiro lugar, e que só depois vem o empreendedorismo.

Eu não me considerava um empreendedor quando publiquei aqueles primeiros vídeos no SmallAdvantages. Eu nunca tive a intenção de largar a minha carreira científica para me tornar um youtuber, e certamente nunca esperei ganhar dinheiro com o meu hobby. Esse foi um efeito colateral fortuito que veio depois. O SmallAdvantages, o meu macarrão mais grudento, é, antes de mais nada, a minha paixão genuína e, em segundo lugar, o meu emprego. Isso só poderia ter dado certo nessa ordem.

Copyrighted Page

Saiba mais:

https://www.youtube.com/watch?v=-matnEk_SEY

A CAMINHADA QUE **MUDOU** A MINHA VIDA

Há algum momento em sua vida que você consideraria a hora da virada? Um dia em que tudo o que você pensava conhecer mudou, e o mundo era outro? Eu tinha 26 anos em janeiro de 2015 quando isso aconteceu comigo. A experiência foi assustadora e emocionante, e chegou sem eu perceber.

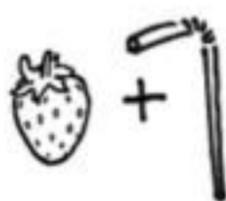
Naquela época, eu era um doutorando do segundo ano, trabalhando no meu PhD em Ciências Atmosféricas na Universidade Estadual do Colorado. Eu não estava apaixonado pela minha pesquisa, mas felizmente o meu cronograma flexível de trabalho me dava bastante tempo para ir atrás de atividades de lazer. Além da universidade, eu estava correndo 9,6 km por dia, lendo 40 livros por ano e estudando português brasileiro no meu tempo livre. A vida estava ótima com a minha esposa, e viajávamos frequentemente.

Com o tempo, esse desgosto com a minha carreira científica foi crescendo. Estava ficando cada vez mais difícil me convencer de que a pesquisa na qual eu estava gastando 40 horas por semana valeria de alguma coisa futuramente. Na carreira acadêmica, pode-se levar anos para escrever e publicar um único artigo de pesquisa, e eu já tinha trabalhado dois anos por conta própria, com o mínimo de feedback dos meus colegas, e não via quando isso iria acabar. Eu me senti desimportante e desesperadamente invisível, um peixinho em um lago do tamanho do mundo. Como Thoreau escreveu: “O preço de qualquer coisa é a quantidade de vida que você troca por isso, imediatamente ou a longo prazo”. Será que os meus milhares de horas de pesquisa, de vida, iriam ajudar alguém algum dia?

Em 17 de janeiro de 2015, esse desespero vocacional alcançou um ponto de ruptura, e, aos prantos, descrevi a minha frustração para a minha esposa. Essa foi, eu acho, a primeira vez que ela me viu chorar na vida. Ela pegou a minha mão e me levou para fora, e nós começamos a caminhar ao longo da margem do rio atrás do nosso

apartamento.

Duas semanas antes, logo depois do ano-novo, eu estava navegando distraidamente na internet no meu escritório da faculdade. Eu tinha achado por acaso uns artigos sobre truques de produtividade – pequenos truques para realizar tarefas diárias de forma eficientemente. Usar um canudo para remover talos de morangos... Colocar uma colher de pau em cima de uma panela de água fervendo para evitar que ela transborde... Colocar o seu smartphone em um copo de vidro para amplificar o alto-falante...



Copyright



Naquela noite, quando o sol se pôs por trás das escuras nuvens de inverno, eu peguei as minhas coisas e fui para a minha corrida habitual ao longo da margem do rio atrás do nosso apartamento. Quando estou correndo, normalmente escuto audiolivros ou *podcasts* em português, mas, naquele dia, não consegui me concentrar. A minha mente estava girando, enquanto eu pensava sobre os truques de produtividade que já tinha descoberto. Em vez de gambiarras, eu sentia que os meus truques eram mais duradouros, pois eram maneiras de enriquecer a vida e construir habilidades, implementando métodos de estudo mais eficientes. Pensei comigo mesmo: “Eu poderia escrever o meu próprio blog sobre os meus truques de produtividade, as minhas próprias vantagenzinhas”. Apressei o passo.

Uma ideia que me veio à mente, por exemplo: eu poderia escrever sobre como otimizar o estudo linguístico de alguém em um dia, um método multitarefa que eu tinha aperfeiçoado recentemente. Eu estudava *flashcards* de português no meu telefone enquanto esperava na fila do supermercado; eu escutava *podcasts* de língua portuguesa na ida e na volta de bicicleta para o trabalho, apesar de entender apenas 20% do diálogo (*Nerdcast* e *Tá Falado*); eu sempre ouvia o noticiário brasileiro no meu escritório (91.3 FM CBN Salvador).

Enquanto corria, a minha lista mental de truques de produtividade crescia e crescia, desde finanças pessoais até estratégia de gamão. Eu respirava pesado com esforço e euforia, cada sopro de vapor visível no ar frio. Eu me senti cinco anos mais novo. Chegando em casa, flocos de neve começaram a cair na penumbra, peguei uma